

» Entrevista | **ANDRÉ LÁZARO** | DIRETOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA FUNDAÇÃO SANTILLANA

Entre a esperança e a resistência: o que é ser professor no Brasil

Diretor de políticas públicas da Fundação Santillana, André Lázaro fala a respeito da coragem e a paixão que movem os educadores brasileiros

» SOFIA SELLANI

Ser professor é muito mais do que dar aulas. É exercer uma das missões mais desafiadoras do país: formar cidadãos, inspirar sonhos e transformar realidades — mesmo diante de condições adversas. É lidar, todos os dias, com as dores e alegrias de ensinar em um cenário marcado pela desvalorização, falta de recursos, sobrecarga e pela esperança de que a educação

possa, um dia, ocupar o lugar que merece.

Exercer a docência é, também, gesto de coragem. É escolher permanecer em sala de aula quando o reconhecimento ainda é pequeno, os desafios grandes e as políticas públicas nem sempre acompanham as necessidades reais. É resistir, mesmo diante das dificuldades, acreditando que o conhecimento é ferramenta capaz de romper ciclos de desigualdade e abrir novos horizontes para próximas gerações.

André Lázaro sabe bem disso. Diretor de

políticas públicas da Fundação Santillana — mantida pela Santillana Educação, empresa de conhecimento, inovação e tecnologia educacional na América Latina.

Nesta entrevista ao **Correio Braziliense**, Lázaro reflete a respeito dos desafios e potenciais da carreira docente, o papel da tecnologia em sala de aula, a urgência da valorização profissional e o que ainda falta para que a educação deixe de ser uma promessa distante e se torne, de fato, uma realidade presente.

Diante das dificuldades enfrentadas pela categoria, como a desvalorização da profissão, a baixa remuneração e a falta de reconhecimento, o senhor acredita que ainda há motivos para comemorar o Dia dos Professores?

André Lázaro: há muitos ângulos para olhar. Um ângulo é esse, o social/político, que encara as condições, prestígio, respeito e valorização que ela tem no meio da sociedade. De fato, por esse aspecto há mais motivos para preocupação. Mas também há o ângulo da realização pessoal. As professoras e professores têm motivo para comemorar, sim, porque a vida do docente é muito intensa e exigente, mas ao mesmo tempo, de muita gratificação pela relação com os estudantes e colegas de trabalho. Então, sim, há motivos para comemorar, e são esses que nos levaram a escolher a profissão. Tem um historiador que eu gosto muito, Luiz Antonio Simas, que fala que

a gente não faz festa porque a vida é boa, pelo contrário, fazemos festa para torná-la boa. Acho que as professoras e os professores têm muito motivo para fazer festa.

Entre os desafios da sala de aula, a indisciplina parece se destacar. O senhor acredita que esse comportamento pode revelar algo mais profundo, e que o tema deveria ser tratado com mais seriedade nas políticas educacionais?

André Lázaro: eu não gosto de ver a indisciplina apenas como um comportamento inconsequente e irresponsável. A indisciplina pode ser um sintoma da inconformidade. Uma inconformidade com o formato pedagógico, com as condições cotidianas das escolas. É importante vê-la como sintoma e tratá-la pedagogicamente. Claro que há várias formas de expor o seu descontentamento, como de forma agressiva com os colegas e docentes, mas eu acho que a gente

deveria também pensar na indisciplina como um sintoma. Temos que investigar, e não apenas reprimi-la. É importante que isso seja feito não a partir da premissa que responsabilize e culpe o estudante, mas a partir de que a relação pedagógica não está satisfatória.

Na sua avaliação, quais são as maiores dificuldades que esses professores enfrentam tanto em salas de aula quanto praticando a profissão aqui no Brasil?

André Lázaro: em primeiro lugar eu gostaria de chamar de 'as professoras'. Quando estamos falando de educação básica, 80% dos profissionais são mulheres. Esse plural masculino é injusto, porque oculta as questões de gênero que afetam a categoria docente. Temos que acabar com esse masculino genérico, que não nos ajuda a conhecer de fato quem são as profissionais de educação no Brasil. A segunda coisa importante é o respeito ao profissional. Que pode

ser traduzido com salários a altura das responsabilidades, condições de trabalho que deem segurança e conforto e progresso na carreira. Acho que as professoras deveriam ter apoio para pensar em um novo modelo pedagógico. A indisciplina infantil, por exemplo, tem a ver com o modelo. No *Anuário Brasileiro da Educação Básica*, vemos que não podemos aceitar que metade das funções docentes das redes estaduais sejam professores temporários, isso não ajuda a educação, não respeita os profissionais e é um erro que deve ser corrigido imediatamente. Não dá para ter vínculos frágeis e esperar resultados satisfatórios.

A docência, em geral, é uma profissão marcada por muita resistência e pouca valorização. Que tipo de políticas públicas o senhor acredita que seriam mais urgentes para mudar esse cenário?

André Lázaro: não existe só

uma solução para o problema, é um conjunto. Há um problema sério na educação brasileira em relação ao piso salarial baixo. Então, uma coisa importante era ter um piso salarial mais atrativo. Outra coisa importante é ter condições dignas, sem a violência nas escolas, com acolhimento e ambientes favoráveis. A educação deve receber o apoio proporcional à sua importância para a nossa vida presente e futura. Eu não gosto dessa ideia de que a educação é um projeto futuro. A educação é hoje, a sala de aula está funcionando, a merenda tem que chegar. A educação brasileira deveria gritar isso: 'não faça de mim uma promessa, faça de mim uma realidade presente.'

Nós vivemos em uma era tecnológica, que acabou mudando uma certa "rotina" já estabelecida nas salas de aulas, onde muitas vezes parece que o meio acaba fazendo o